

A IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA ESCOLA DAS ADOLESCÊNCIAS E SUAS IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE ARAPIRACA

João Paulo Holanda de Assis ¹

RESUMO

O Programa Escola das Adolescências, criado pelo governo federal, surge como uma proposta inovadora para a educação pública, especificamente para os anos finais do ensino fundamental – público a que se destina – considerando as especificidades do desenvolvimento adolescente no processo de ensino-aprendizagem. Este artigo analisa sua implementação na rede pública de ensino de Arapiraca, investigando suas implicações teórico-metodológicas e os desafios enfrentados por professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com análise documental e entrevistas, buscando compreender como o programa influencia práticas pedagógicas, participação estudantil e redefinição de proposta e grade curricular. Os resultados indicam que a implementação do programa contribui para um ambiente escolar mais dinâmico, inclusivo e acolhedor, promovendo o protagonismo juvenil, fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade e a identidade territorial. No entanto, desafios como resistência à mudança metodológica, escassez de recursos e necessidade de formação continuada para os docentes ainda se apresentam como obstáculos à consolidação do programa. A adaptação curricular e a incorporação de metodologias ativas aparecem como aspectos centrais para o sucesso do programa, demandando um olhar atento para a diversidade e subjetividade, peculiar dos adolescentes. Conclui-se que a efetivação do Programa Escola das Adolescências depende do diálogo entre escolas e secretaria de educação, de modo a otimizar a condução do programa, bem como o fortalecimento do diálogo entre os diferentes atores educacionais, envolvidos na consolidação do programa e a diversidade de contextos em que os adolescentes estão inseridos. O estudo contribui para reflexões sobre a importância de estratégias pedagógicas que reconheçam as especificidades da adolescência e promovam uma educação mais contextualizada e significativa.

Palavras-chave: Adolescência. Protagonismo juvenil. Anos finais. Ensino. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A adolescência, enquanto fase de profundas transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais, constitui-se como um campo fértil de debates e desafios para a escola contemporânea que, muitas vezes, ainda não está preparada para receber esse aluno. Sobretudo, quando falamos em um sujeito que nasceu numa era tecnológica, marcada por intensas transformações de compreensão de mundo, bem diferente da compreensão que a maioria dos professores possui.

¹ Professor efetivo da rede pública municipal da cidade de Arapiraca / AL. Atualmente, na função de Articulador Municipal do Programa Escola das Adolescências e Coordenador dos Anos Finais da Rede Municipal de Ensino. E-mail: joaopaulo.hassis@gmail.com



Em um contexto de rápidas mudanças culturais e tecnológicas, torna-se imprescindível repensar as práticas educativas voltadas a esse público, de modo a construir uma escola que dialogue com suas linguagens, desejos e singularidades. O Programa Escola das Adolescências, criado pelo Governo Federal, que recebeu a adesão da maioria dos municípios brasileiros, justamente, por sua abordagem inovadora e didática, na busca de romper com as engessadas práticas pedagógicas, que colocam o aluno como um sujeito passivo no processo de aprendizagem, foi implementado no município de Arapiraca no ano letivo de 2025, emerge justamente como uma política pública educacional voltada à valorização da escuta, do protagonismo e das múltiplas formas de ser adolescente, propondo um deslocamento teórico-metodológico na forma de compreender o processo educativo.

Contudo, a materialização desses princípios no cotidiano escolar tem revelado tensões e resistências, sobretudo por parte de professores que ainda reproduzem modelos pedagógicos tradicionais, marcados pela rigidez metodológica e pela dificuldade de ressignificar suas concepções sobre o sujeito adolescente e sua aprendizagem.

De acordo com Libâneo (2012), a prática docente não se reduz à aplicação de técnicas, mas se constitui como atividade intencional, mediada por concepções teóricas e valores que orientam o fazer pedagógico. Assim, a resistência à mudança expressa, muitas vezes, não apenas uma dificuldade prática, mas uma concepção de educação historicamente enraizada, que tende a compreender o aluno como receptor passivo do conhecimento. Nessa perspectiva, o desafio da implementação do Programa Escola das Adolescências na cidade de Arapiraca não se restringe à execução de novas estratégias metodológicas, mas implica uma transformação paradigmática na compreensão do papel da escola e do professor frente às juventudes. Trata-se, portanto, de um processo que demanda formação continuada, reflexão crítica e um movimento coletivo de ressignificação das práticas.

O presente estudo teve como foco analisar as implicações teórico-metodológicas da implementação do Programa Escola das Adolescências na rede pública de ensino de Arapiraca, buscando compreender de que forma os professores têm se apropriado das diretrizes do programa e quais desafios se colocam para a consolidação de uma prática pedagógica mais dialógica, emancipadora e centrada no desenvolvimento integral dos adolescentes. A pesquisa parte do pressuposto de que as mudanças propostas pelo programa só se efetivam quando há envolvimento ativo do corpo docente, acompanhado de processos formativos que favoreçam a construção de novas posturas pedagógicas.



Inspirado nas reflexões de Paulo Freire (1996), entende-se que a transformação da prática educativa requer, antes de tudo, a conscientização crítica dos sujeitos envolvidos, de modo que o ato de ensinar se configure como um exercício de liberdade e de construção coletiva do conhecimento.

A relevância desta investigação justifica-se pelo cenário atual da educação básica, em que as escolas enfrentam desafios crescentes relacionados à evasão, à desmotivação e à indisciplina dos adolescentes – desafios enfrentados pela rede pública municipal da cidade de Arapiraca. Esses desafios representam um gargalo para o desenvolvimento pedagógico, de ensino e, como consequência, de aprendizagem para esta modalidade de ensino que, diferente dos anos iniciais, encontra maior resistência à concepção do aluno como um sujeito ainda em processo de formação.

Ao propor o reconhecimento das “adolescências” no plural, o programa rompe com uma visão homogênea dessa etapa da vida e se aproxima das concepções psicológicas de Erik Erikson (1976), para quem a adolescência é marcada pela busca de identidade e pela necessidade de reconhecimento social. Nesse sentido, a escola deve constituir-se como um espaço de pertencimento e de afirmação, capaz de oferecer condições para que o sujeito se reconheça em sua singularidade e desenvolva uma relação significativa com o conhecimento. Entretanto, para que isso se concretize, é necessário que o professor compreenda o adolescente não apenas como aluno, mas como sujeito histórico, social e afetivo, em constante processo de construção de si.

A pesquisa, de abordagem qualitativa e descritiva, fundamentou-se na análise de documentos oficiais do Programa Escola das Adolescências, nas diretrizes formativas propostas pela Secretaria Municipal de Educação de Arapiraca e em entrevistas semiestruturadas com professores participantes do programa. O percurso metodológico seguiu os pressupostos da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo identificar categorias de sentido relacionadas às concepções docentes sobre adolescência, ensino e aprendizagem, bem como às práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do programa. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender o fenômeno educativo em sua complexidade, reconhecendo que as práticas docentes são atravessadas por dimensões subjetivas, institucionais e culturais.

Os resultados apontam para uma tensão entre as intenções formativas do programa e as práticas pedagógicas efetivamente realizadas nas escolas. Apesar de reconhecerem a importância da escuta e do protagonismo juvenil, muitos professores revelam dificuldades em incorporar metodologias ativas, estratégias de ensino interdisciplinares e



práticas de avaliação formativas. A rigidez metodológica, somada a uma formação inicial ainda centrada em modelos tradicionais, dificulta, de certo modo, a efetividade das propostas do programa, que requerem uma postura reflexiva e aberta ao diálogo com as experiências juvenis. Conforme destaca Gatti (2009), os processos de mudança na educação dependem, em grande medida, das condições de formação e de trabalho docente, sendo fundamental que políticas públicas de formação continuada articulem teoria e prática, favorecendo a reflexão sobre o cotidiano escolar.

As discussões revelaram, também, que a implementação do Programa Escola das Adolescências tem possibilitado avanços importantes na rede municipal, sobretudo no que se refere à valorização da dimensão afetiva e relacional do trabalho educativo. Professores e Coordenadores Pedagógicos que participaram de formações continuadas, propostas pela Secretaria Municipal de Educação, mensalmente, relataram maior sensibilidade para lidar com as demandas emocionais dos estudantes, o que converge com a perspectiva freireana de uma pedagogia da escuta e do diálogo. Ao compreender o adolescente em sua totalidade — cognitiva, social e afetiva —, o educador amplia seu olhar sobre o processo de ensino e aprendizagem e se torna capaz de construir práticas mais significativas e inclusivas.

Em termos teórico-metodológicos, o estudo reafirma a necessidade de superar uma concepção fragmentada da adolescência e da prática docente. O Programa Escola das Adolescências, ao propor uma abordagem interdisciplinar e humanizadora, convida o professor a se reconhecer como sujeito em permanente formação, capaz de refletir criticamente sobre sua prática e de se reinventar diante dos desafios contemporâneos da escola pública. Nesse sentido, o diálogo com autores como Libâneo (2012) e Freire (1996) reforça a compreensão de que ensinar é um ato político e ético, que exige compromisso com a transformação social e com a emancipação dos sujeitos.

O que observamos, até então, é que a implementação do programa em Arapiraca tem produzido movimentos significativos de mudança, ainda que permeados por algumas resistências e limitações estruturais, no que diz respeito, a espaços adequados para o desenvolvimento dos Clubes de Letramento, por exemplo, além de um maior fortalecimento da identidade territorial dos sujeitos envolvidos. O processo evidencia que a transformação da escola depende de um investimento contínuo na formação docente, na criação de espaços de escuta e de partilha de experiências, e na consolidação de uma cultura escolar que valorize as diversas formas de ser e de aprender. Assim, o estudo contribui para o debate sobre a formação de professores e sobre as políticas públicas



voltadas às adolescências, reafirmando a importância de uma escola que, como defende Freire (1996), ensine “com” e “a partir” dos sujeitos, reconhecendo suas histórias, seus afetos e suas possibilidades de transformação.

De maneira geral, as implicações teórico-metodológicas observadas no contexto de Arapiraca apontam para a urgência de repensar o papel do professor como mediador de processos de desenvolvimento integral, à luz de concepções pedagógicas e psicológicas mais humanizadoras. O Programa Escola das Adolescências se consolida, assim, como uma oportunidade de reconstrução de práticas e sentidos, convidando a escola pública a ser, de fato, um espaço de emancipação, pertencimento e reconhecimento das múltiplas adolescências que nela habitam.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo e descritivo, desenvolvido no âmbito da rede pública municipal de ensino de Arapiraca, tendo como foco compreender as implicações teórico-metodológicas da implementação do Programa Escola das Adolescências. A investigação buscou identificar como os professores têm concebido o adolescente no contexto escolar e de que modo essa concepção interfere nas suas práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à promoção do protagonismo juvenil e à adoção de metodologias que dialoguem com as diretrizes do programa.

O percurso metodológico adotado foi estruturado em dois eixos principais: (a) análise documental e observacional das formações continuadas promovidas pela Secretaria Municipal de Educação para gestores e coordenadores pedagógicos das escolas participantes do programa; e (b) aplicação de um questionário semiestruturado a professores da rede municipal, de diferentes componentes curriculares, que atuam diretamente nas unidades escolares vinculadas à política em questão.

A triangulação entre esses dois eixos permitiu uma compreensão mais ampla do fenômeno estudado, articulando a dimensão formativa institucional às percepções e práticas dos sujeitos docentes.

A análise das formações continuadas consistiu na observação de encontros presenciais e no exame dos materiais pedagógicos produzidos no âmbito do programa, caracterizados como evidências de desenvolvimento do programa, publicados em um grupo de *WhatsApp*, específico do programa, em que gestores e coordenadores recebem orientação e compartilham as experiências de suas escolas, através de relatos, fotos e vídeos produzidos por professores e alunos, participantes do programa. Esse



procedimento possibilitou identificar as orientações teórico-metodológicas propostas pelo Programa Escola das Adolescências, bem como as concepções de adolescência e de prática docente subjacentes a tais orientações. As informações obtidas nessa etapa foram registradas em diário de campo e sistematizadas de acordo com categorias analíticas emergentes, como formação docente, escuta sensível e protagonismo juvenil.

O questionário foi elaborado com questões abertas e fechadas, permitindo tanto a quantificação de tendências quanto a análise qualitativa das respostas. Participaram dessa etapa 20 professores de diferentes áreas do conhecimento — Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física e Arte — que atuam em escolas municipais que aderiram ao programa, através dos Clubes de Letramento propostos pelo programa: Clube de Letramento Científico, Clube de Letramento Literário e Corporeidade, Clube de Letramento Matemático e Clube de Letramento de Humanidades e Cidadania.

O instrumento investigou três eixos principais: (1) as concepções pessoais de adolescência; (2) a percepção dos professores sobre o impacto dessas concepções em suas atitudes e posturas diante dos estudantes; e (3) as estratégias metodológicas utilizadas em sala de aula, com foco na promoção do protagonismo juvenil e na adequação às demandas contemporâneas das adolescências.

As respostas foram organizadas em planilhas e submetidas à análise de conteúdo, conforme os procedimentos propostos por Bardin (2011). Essa técnica permitiu identificar padrões de sentido, recorrências discursivas e contradições nas falas dos participantes, de modo a revelar as representações e os desafios que permeiam o cotidiano docente no processo de implementação do programa. As categorias finais emergiram tanto do referencial teórico utilizado quanto do próprio material empírico, resultando em três grandes eixos de análise: concepções de adolescência, práticas pedagógicas e resistências metodológicas, e possibilidades de ressignificação docente.

Os resultados evidenciaram que a maioria dos professores reconhece a importância de repensar suas práticas pedagógicas e admite a necessidade de mudança. Contudo, muitos relatam insegurança e falta de subsídios teóricos e metodológicos para realizar tal transformação, o que confirma a urgência de processos formativos mais contínuos e reflexivos. Tais achados dialogam com a perspectiva de Libâneo (2012) e Gatti (2009), ao ressaltarem que o desenvolvimento profissional docente é condição essencial para a consolidação de práticas pedagógicas inovadoras e alinhadas às demandas sociais e afetivas dos estudantes.



O percurso metodológico adotado buscou articular a investigação empírica e a reflexão teórica, de modo a compreender as múltiplas dimensões que envolvem a implementação do Programa Escola das Adolescências. A combinação entre análise documental, observação participante e aplicação de questionário possibilitou uma leitura densa e contextualizada das práticas e concepções docentes, oferecendo subsídios para pensar estratégias formativas mais eficazes e alinhadas à complexidade das adolescências contemporâneas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos a partir das formações continuadas aos gestores e coordenadores pedagógicos e do questionário aplicado aos professores revelou movimentos importantes de compreensão e de resignificação das práticas pedagógicas no âmbito do Programa Escola das Adolescências. Embora o processo de implementação ainda se encontre em consolidação, foi possível identificar avanços significativos, sobretudo no modo como os coordenadores pedagógicos vêm compreendendo sua função como mediadores e formadores dentro da escola.

Os coordenadores demonstraram sensibilidade ao reconhecer que a efetivação do programa exige adequações pedagógicas, estruturais e relacionais, voltadas à promoção da equidade – pauta para o ano letivo 2025 – e do protagonismo juvenil. Tal percepção indica uma mudança na forma de conceber a adolescência e o papel da escola: de um espaço de controle disciplinar para um espaço de acolhimento e desenvolvimento integral.

Ao se perceberem como formadores *in loco*, os coordenadores começaram a assumir uma postura mais reflexiva e colaborativa com os professores, atuando como pontes entre as diretrizes do programa e o cotidiano escolar. Essa compreensão converge com o pensamento de Libâneo (2012), que enfatiza o papel do coordenador como articulador do trabalho coletivo e promotor de uma cultura de formação permanente, capaz de sustentar a coerência pedagógica da instituição.

Do ponto de vista dos professores, os dados apontaram para um quadro de insegurança e ambivalência diante das inovações pedagógicas propostas. Muitos reconhecem que suas práticas tradicionais já não respondem às demandas e aos modos de ser dos adolescentes contemporâneos, mas expressam incertezas sobre como conduzir a necessária transformação metodológica. Essa tensão reflete o que Gatti (2009) chama de “zona de transição formativa”, momento em que o docente toma consciência de suas limitações, mas ainda carece de instrumentos teóricos e práticos para reconfigurar sua



ação pedagógica. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que a formação continuada, quando conduzida de modo dialógico e contextualizado, torna-se essencial para que o professor construa novos sentidos para o ensino e para o papel da escola.

As respostas dos professores também revelaram uma crítica implícita à estrutura escolar tradicional, que permanece pouco adaptada às necessidades dos adolescentes do século XXI. As dificuldades de engajamento, os comportamentos desafiadores e o desinteresse pelos conteúdos escolares foram apontados como sintomas de um modelo de ensino que ainda privilegia a homogeneização e a transmissão de saberes, em detrimento da escuta e da experimentação. Essa constatação reforça as reflexões de Paulo Freire (1996), para quem a educação bancária — centrada na passividade do estudante — precisa ser substituída por uma pedagogia dialógica, que reconheça o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento. O Programa Escola das Adolescências, ao valorizar a escuta e o protagonismo, aproxima-se dessa concepção freireana, convocando professores e gestores a uma prática mais democrática e humanizadora.

Em paralelo, as falas dos participantes demonstraram que as formações continuadas vêm favorecendo uma reconfiguração simbólica do olhar sobre o adolescente. Muitos professores passaram a compreender que atitudes antes rotuladas como “indisciplina” ou “apatia” expressam, na verdade, o conflito identitário característico dessa fase do desenvolvimento. Essa leitura está em consonância com Erikson (1976), que descreve a adolescência como um período de intensa busca por identidade e de tensão entre autonomia e pertencimento. Tal compreensão contribui para que o professor adote uma postura mais empática, reconhecendo o estudante como alguém em processo, e não como um problema a ser corrigido.

A reflexão coletiva proporcionada pelas formações e pelos instrumentos de pesquisa também revelou que tanto coordenadores quanto professores vêm ampliando sua consciência crítica sobre o papel social da escola. Ao perceberem que muitas das dificuldades pedagógicas não se originam apenas da falta de preparo individual, mas de um modelo institucional defasado, os participantes passam a vislumbrar caminhos de mudança que envolvem não apenas o “fazer docente”, mas a própria estrutura e cultura escolar. Essa constatação se alinha à perspectiva freireana de que a educação é um ato político e transformador, que deve partir da realidade concreta e promover a conscientização dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Portanto, os resultados apontam que o Programa Escola das Adolescências tem se mostrado um instrumento potente de reflexão e de deslocamento de paradigmas. Os



coordenadores emergem como protagonistas de um processo formativo dentro da escola, e os professores, ainda que inseguros, revelam abertura e desejo de reconstruir suas práticas. Essa disposição evidencia um terreno fértil para o desenvolvimento de novas metodologias, capazes de responder às necessidades cognitivas, afetivas e sociais dos adolescentes. Assim, as implicações teórico-metodológicas observadas nesta pesquisa indicam que o fortalecimento do programa depende, sobretudo, da consolidação de uma cultura formativa permanente, que una teoria e prática, emoção e razão, escuta e ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as implicações teórico-metodológicas da implementação do Programa Escola das Adolescências no município de Arapiraca permitiu compreender que as mudanças educacionais propostas por essa política pública ultrapassam a dimensão técnica e incidem diretamente sobre os modos de pensar, sentir e agir dos profissionais da educação. O estudo evidenciou que a construção de uma escola voltada às adolescências requer um processo contínuo de reflexão sobre as práticas pedagógicas, as concepções de sujeito e o próprio papel social da instituição escolar diante das transformações culturais do século XXI.

De modo geral, as análises demonstraram que os coordenadores pedagógicos assumem papel central na mediação entre as diretrizes do programa e o cotidiano das escolas, consolidando-se como formadores *in loco* e articuladores de processos de mudança. Sua atuação revelou-se fundamental para fomentar a reflexão coletiva, o compartilhamento de experiências e a disseminação de práticas pedagógicas mais inclusivas e dialógicas. Essa constatação confirma o que Libâneo (2012) e Gatti (2009) defendem acerca da importância da gestão pedagógica como eixo estruturante da formação docente e da qualidade do ensino.

Os professores participantes, por sua vez, expressaram inquietações e inseguranças frente às inovações pedagógicas propostas, mas reconheceram a necessidade de reconstruir suas práticas e de compreender o adolescente como sujeito integral, atravessado por dimensões emocionais, cognitivas e sociais. Essa abertura, ainda que incipiente, revela um movimento de consciência crítica e de desejo de mudança, em sintonia com os princípios freireanos de uma educação libertadora e transformadora (Freire, 1996). O reconhecimento da importância da formação continuada para o desenvolvimento profissional reforça o papel do programa como espaço de diálogo, aprendizagem e ressignificação das práticas docentes.



Os resultados também revelaram que muitos desafios enfrentados pelos professores em sala de aula — como a falta de engajamento dos estudantes, as dificuldades de convivência e o desinteresse pelos conteúdos — não decorrem apenas de falhas individuais, mas refletem as limitações estruturais de um modelo escolar tradicional, que ainda se mostra distante das realidades juvenis. Essa constatação reforça a necessidade de políticas públicas que discutam novas formas de desenvolver a aprendizagem, sobretudo, para adolescentes, rompendo com o modelo tradicional de carteiras enfileiradas e “acordos de convivências verticalizados”. Nesse sentido, o Programa Escola das Adolescências mostra-se um campo fértil de experimentação e de inovação pedagógica, desde que acompanhado de práticas formativas consistentes e de processos avaliativos permanentes.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa reafirma a importância de reconhecer as adolescências em sua pluralidade, como propõe o próprio programa e como sustentam os estudos de Erik Erikson (1976) sobre a formação da identidade e o desenvolvimento psicossocial. Entender o adolescente como sujeito em construção, em busca de pertencimento e de afirmação, implica uma mudança de paradigma nas práticas escolares, que passam a valorizar o diálogo, o afeto, a escuta e o protagonismo. Essa perspectiva aproxima-se da visão humanista defendida por Freire, para quem educar é um ato de amor, coragem e compromisso ético com a emancipação do outro.

No campo metodológico, o estudo mostrou que a integração entre análise documental, observação das formações e aplicação de questionários foi eficaz para compreender as percepções e práticas dos profissionais envolvidos. A abordagem qualitativa, centrada na interpretação dos discursos, permitiu captar nuances e contradições do processo de implementação, evidenciando que a mudança educacional é sempre um fenômeno complexo, que envolve dimensões subjetivas, institucionais e culturais. Essa constatação abre caminho para novas pesquisas que aprofundem o acompanhamento longitudinal das formações e a análise do impacto do programa sobre a aprendizagem e o engajamento dos adolescentes nas escolas.

Em termos de aplicação empírica, os achados desta pesquisa podem contribuir para o aprimoramento das políticas públicas para os anos finais do ensino fundamental no município de Arapiraca e em outros contextos que implementam programas similares. As evidências reforçam que a consolidação de uma escola comprometida com as adolescências depende de processos formativos que promovam a reflexão crítica, a escuta ativa e o trabalho colaborativo entre professores, coordenadores e gestores. Para a



comunidade científica, o estudo oferece subsídios teóricos e metodológicos que dialogam com as discussões sobre currículo, formação docente e psicologia do desenvolvimento, fortalecendo o campo de investigações sobre adolescências e educação pública.

Por fim, ressalta-se que as transformações observadas, embora graduais, apontam para um movimento promissor de reconstrução do sentido da escola e da docência. O Programa Escola das Adolescências tem se revelado um instrumento potente para questionar práticas cristalizadas e inspirar novas formas de ensinar e aprender. No entanto, torna-se urgente ampliar as pesquisas sobre sua efetividade, aprofundar os estudos sobre a formação docente voltada às juventudes e investir em políticas públicas que assegurem continuidade, acompanhamento e avaliação.

Assim, conclui-se que a experiência de Arapiraca oferece à comunidade acadêmica e às redes de ensino um exemplo concreto de como é possível construir caminhos educativos mais humanizadores, equitativos e coerentes com as múltiplas formas de ser adolescente — reafirmando que a escola, quando se abre ao diálogo, torna-se o espaço mais potente de transformação social e de esperança crítica.

REFERÊNCIAS

ARAPIRACA (Município). **Programa Escola das Adolescências**: diretrizes pedagógicas para o ensino fundamental – anos finais. Arapiraca: Secretaria Municipal de Educação, 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. **Programa Escola das Adolescências**. Brasília: MEC, 2024.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores**: condição docente, trabalho e desenvolvimento profissional. Campinas: Autores Associados, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

